

São Marcelino Champagnat



LA VALLA E A MÍSTICA DE MARCELINO CHAMPAGNAT

Angelo Alberto Diniz Ricordi e Benê Oliveira, fms – SVCL / PMBCS

“O Reino dos céus é comparado a um grão de mostarda que um homem toma e semeia em seu campo. É esta a menor de todas as sementes, mas, quando cresce, torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos”. cf. Mt 13, 31-32

Na origem do Instituto Marista está a casa de La Valla. A pequena casa que acolhe os discípulos da primeira hora: Jean Marie Granjon e Jean Baptiste Audras. No dia 02 de janeiro de 1817, Champagnat iluminado por uma forte mística marial dá início a uma associação de leigos, por assim dizer, com a finalidade de catequisar e educar as crianças pobres da zona rural da região de Saint-Chamond.

Essa obra nasce como a semente de mostarda, cf. nos relata o Evangelho. Nasce como uma pequena comunidade, numa paróquia rural de uma cidadezinha chamada La Valla. Seu Fundador, Marcelino Champagnat é um jovem sacerdote, tem apenas 28 anos, quando diz sim à vontade de Deus, e decide fundar o Instituto dos Irmãos Maristas na casa Bonner.

Ao celebrarmos o Ano La Valla somos chamados a fazer uma experiência forte de Deus adentrando à casa que serviu de berço do Instituto, e que carrega em suas paredes uma história de paixão e misericórdia. Paixão por Deus e misericórdia pelas crianças e jovens. Trata-se de uma história de amor. Sim, Marcelino foi um enamorado de Deus; viveu uma mística forte ao dedicar especial devoção (cristocêntrica) à Virgem Maria e ao se vincular aos outros 11 jovens que com ele fizeram a Consagração em Fourvière.

Essa mística germinou e cresceu junto de Marcelino e dos primeiros Irmãos que com ele viveram em La Valla, e pode ser descrita segundo o Irmão Séan Sammon¹ a partir de três dimensões:

- I. A Mística da Presença de Deus;
- II. A Mística Marial;
- III. A Mística da Confiança em Deus.

São estas três dimensões que poderíamos chamar de mística originante de La Valla. Esses três elementos irão se consolidar naquilo que chamamos espiritualidade marista. Trata-se de uma espiritualidade encarnada e vinculada à realidade das pessoas. A esta mística pessoal de Marcelino soma-se o ideal missionário do Instituto Marista: “*Tornar Jesus Cristo conhecido e amado, principalmente entre as crianças e jovens mais pobres*”. É a partir do prisma da missão que precisamos entender estas três facetas da espiritualidade originante de La Valla.



¹ SAMMON, Séan. **Uma Revolução do Coração: a espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria**. São Paulo: Loyola, 2003.

I. Presença de Deus

São Marcelino não deixou nenhum tratado sobre a oração, ou sobre suas experiências fortes de Deus. Entretanto, o exercício da prática da presença de Deus era uma das fontes de sua espiritualidade. Escrevendo ao Irmão Avit e demonstrando preocupação pela espiritualidade do Irmão, Champagnat lhe recomenda: *“Outro bom meio para adquirir as virtudes religiosas, como você bem sabe, caro amigo, é a prática da santa presença de Deus, recomendada por todos os mestres da vida espiritual”* (Cartas n. 247). Da mesma forma afirma ao Irmão Basin: *“Ande todos os dias de sua vida na santa presença de Deus”* (Cartas n. 244). Na *Biografia* oficial existe um capítulo dedicado a esse tema: “O exercício de predileção do Pe. Champagnat era o da *Presença de Deus...* e o modo como praticava consistia em crer, com fé viva e atual, na onipotência de Deus, plenificando o universo com sua infinitude...” (FURET, 1999, p. 297).

O tema da presença de Deus segundo o Irmão João Batista Furet, vai além de um exercício espiritual de piedade, pressupõe uma compreensão aprofundada de temas bíblicos que indicam o mergulho em Deus. Ao citar o texto de Atos dos Apóstolos 17,28: *“Pois nele vivemos, nos movemos e existimos...”* Marcelino parece ter a percepção de uma presença revelada e assimilada por uma consciência atenta à Deus. Não se trata de algo exterior, alheio ao homem, mas de alguém que lhe antecede no amor. Razão da existência, sentido da vida e da missão. Os verbos *viver, mover e existir* revelam três momentos da alma que se abre à presença de Deus: primeiro, a vida encontra o seu sentido pleno, depois é levada a mover-se e comunicar essa presença plena de sentido e por fim, a existência é entendida como dom, como graça que constantemente é sustentada por Deus. Os três primeiros lugares desejados por Marcelino aos seus Irmãos revelam essa lógica: o presépio como *lócus* teológico da encarnação, da celebração da vida; o altar como razão da existência de uma vida consagrada à Deus, e a cruz como expressão máxima de um amor e uma entrega que faz o ser humano não se fechar em si mesmo, mas o move ao encontro do outro, do próximo (CONSTITUIÇÕES, 2011, n. 7).

Outro elemento presente no exercício da *Presença de Deus* em Marcelino é a percepção de que Deus o envolve não de forma a oprimi-lo, ou vigiá-lo, como pode dar a entender, na *Biografia* oficial expressa, na máxima *“Deus me vê”* (FURET, 1991, p. 302). Mas, ao contrário, a recitação do Salmo 138, como afirma Irmão João Batista Furet, pode e deve ser lida numa perspectiva maior de envolvimento de Marcelino na entrega que faz a Deus e na certeza de que mesmo diante de todos os desafios da vida, é a mão de Deus que o sustenta: *Senhor, tu me sondas e me conheces. Tu conheces o meu sentar e o meu levantar, de longe penetras o meu pensamento. Examinas o meu andar e o meu deitar, meus caminhos todos são familiares a ti. A palavra ainda não me chegou à língua, e tu, Javé, a conheces inteira. Tu me envolves por detrás e pela frente, e sobre mim colocas a tua mão. É um saber maravilhoso que me ultrapassa, é alto demais: não posso atingi-lo! Para onde irei, longe do teu sopro? Para onde fugirei, longe da tua presença? Se subo ao céu, tu aí estás. Se me deito no abismo, aí te encontro. Se levanto voo para as margens da aurora, se emigro para os confins do mar, aí me alcançará tua esquerda, e tua direita me sustentará. Se eu digo: «Ao menos as trevas me cubram, e a luz se transforme em noite ao meu redor», mesmo as trevas não são trevas para ti, e a noite é clara como o dia. Sim! Pois tu formaste meus rins, tu me teceste no seio materno. Eu te agradeço por tão grande prodígio, e me maravilho com as tuas maravilhas! Conhecias até o fundo de minha alma, e meus ossos não te eram escondidos. Quando eu era formado, em segredo, tecido na terra mais profunda, teus olhos viam as minhas ações, e eram todas escritas no teu livro. Os meus dias já estavam calculados, antes mesmo que chegasse o primeiro. Mas a mim, como são difíceis os teus projetos! Meu Deus, como é grande a soma deles! Se os conto... são mais numerosos que areia! E, ao despertar, ainda estou contigo!* (Salmo 138)

Do exercício da presença de Deus nasce uma mística cuja imagem forte é a das *mãos* de Deus. Champagnat utiliza essa expressão de maneira explícita para se referir tanto a Deus Pai como ao seu Filho Jesus e também à Virgem Maria. Na carta que escreve ao Vigário Geral de Lion pedindo mais um padre para *Hermitage* ele diz: *“Faz quinze anos que estou comprometido com a Sociedade de Maria, cujo crescimento está nas mãos do Senhor. Em momento algum duvidei que Deus queria esta obra”* (Cartas n. 11). Ou ainda, na belíssima carta enviada ao Irmão Barthélemy que enfrentava dificuldades na gestão da sua escola: *“Deus tem em sua mão os corações de todos os homens; há de lhe mandar muita gente, quando julgar bom. Basta que você, por infidelidade, não se oponha”* (Cartas n. 24). Nas dificuldades enfrentadas no alistamento militar dos jovens Irmãos, Marcelino escreve ao Padre Mazelier: *“No tocante à nossa autorização, não vai demorar; pelo menos é o que nos garantem; uma vez mais digo: Tudo está nas mãos de Deus!”* (Cartas n. 65). Estando já cansado pelas idas e vindas diante dos sucessivos entraves para a aprovação do Instituto em Paris, Champagnat escreve uma belíssima carta de confiança nas *mãos* de Deus: *“Não há dúvida que temos de acreditar que estamos nas mãos de Jesus e de Maria. Entreguemos em suas mãos o resultado de nosso trabalho, Ele sabe melhor do que nós o que estamos precisando”* (Cartas n. 195).

A imagem das *mãos* de Deus se aplica igualmente à Boa Mãe, numa carta de Champagnat dirigida ao Irmão Marie-Laurent que vacilava na sua vocação, afirma: “*Nunca desespere de sua salvação, ela está em boas mãos: Maria! Não é Maria seu refúgio, sua Boa Mãe?!*” (Cartas n. 249). Portanto, da mística da presença de Deus encaminha-se para uma mística da confiança expressa pela belíssima imagem das mãos de Deus, de Jesus e Maria. Arquétipo de proteção, cuidado e confiança. Relação expressa de maneira efetiva na vida do Fundador e dos primeiros Irmãos.

A mística da presença de Deus desemboca numa mística do cuidado. O arquétipo das mãos de Deus indica o carinho e a proteção experimentados por Marcelino e pelos primeiros Irmãos no início do Instituto na pequenina casa de La Valla. Símbolo desse forte cuidado é a mística marial de Marcelino.

II. A Mística Marial

La Valla foi testemunha de uma eleição especial de Maria pela obra de Champagnat. Desde os primeiros instantes da fundação, Marcelino trazia em seu coração a certeza de que a obra era de Maria. Em uma de suas primeiras Circulares, afirmou: “*Caríssimos Irmãos, Deus nos amou desde toda a eternidade; escolheu-nos e nos separou do mundo. A Santíssima Virgem nos plantou em seu quintal, Ela tem o cuidado de que nada nos falte*” (Cartas, n.10). Inspirado na carta de São Paulo aos Gálatas², Champagnat situa a origem da vocação dos Irmãos e do Instituto naquilo que é conhecido como o tema da eleição. A eleição significa escolha livre e gratuita pela qual Deus elege um povo, ou uma pessoa em função da sua missão e da sua vocação. Maria como modelo e tipo para os fiéis, é sinal dessa eleição da qual toda a Igreja é chamada a fazer parte. Champagnat tinha certeza de que tanto a sua vocação como toda a Sociedade de Maria eram frutos e sinais desta escolha.

Já na casa de L’Hermitage quando o Instituto já estará em plena expansão e consolidação, irá afirmar a Dom Gaston de Pins: “*Nossa casa aumenta a olhos vistos, todos os dias se apresentam novos candidatos e chegam novos pedidos. Não me atrevo a rechaçar os que se apresentam, considero-os mandados por Maria em pessoa*” (Cartas, n.56). Essa mística originante diz respeito também à vocação do próprio Instituto: “*Mantenho a firme convicção de que Deus quer essa obra, nesta época em que a incredulidade avança espantosamente...*” (Cartas, n.04).

As paredes da casa de La Valla são testemunhas dessa mística originante de Champagnat e dos primeiros Irmãos. Nelas, ainda hoje podemos ler: “*Bendita seja a puríssima e imaculada conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*”. Foi nesta casa que o Irmão João Batista Furet e outros postulantes chegaram depois dos insistentes pedidos de Champagnat à Boa Mãe. Foi o modo cativante de Champagnat se referir à Maria que conquistou definitivamente ao Irmão João Batista e aos demais postulantes:

Se nos perguntarem, agora, o que poderia agradar-nos numa situação tão contrária à natureza, o que nos apegava tanto a uma Sociedade que nos repelia, responderei: foi a devoção que ela professava à Virgem Maria. No dia seguinte de nossa chegada, o Padre Champagnat entregou um terço a cada um, falou-nos, várias vezes, de Maria Santíssima naquele tom persuasivo [...] as coisas calaram tão profundamente na alma de todos nós, que nada no mundo teria conseguido afastar-nos da nossa vocação (FURET, 1999, p.95).

Mais do que uma simples devoção, nas palavras e nos ensinamentos do Padre Marcelino Champagnat existe uma mística que fundamentará a teologia das três virtudes maristas: a humildade, a simplicidade e a modéstia. Maria é o exemplo da humildade marista, a partir desta vinculação tão estreita, muitos dos primeiros Irmãos foram formados numa mística que o Irmão Mesoreno chamará de infância espiritual. A exemplo de Santa Teresinha do Menino Jesus trata-se de uma mística da simplicidade, da pequenez diante de Deus.

Essa mística marial é ao mesmo tempo cristológica. Champagnat por meio do seu lema: “*Tudo a Jesus por Maria. E tudo a Maria para Jesus*”³ nos demonstra que a verdadeira devoção mariana nos conduz sempre a Jesus. Assim advertia aos seus Irmãos: “*Maria não guarda nada para si. Quando a servimos, quando nos consagramos a ela, só nos recebe para oferecer-nos a Jesus, para nos impregnar de Jesus*” (FURET, 1999, p.101). Maria torna-se verdadeiramente para nós seus filhos (Maristas de Champagnat) uma escola de

² “Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça...” (Gal 1,15).

³ “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus”, lema que lhe norteou o espírito e lhe foi norma de conduta a vida toda (FURET, 1999, p. 313).

seguimento de Jesus. Com ela correspondemos melhor à nossa missão de tornar seu Filho conhecido e amado.

Todavia, muitos serão os desafios que enfrentarão Champagnat e os primeiros Irmãos. Em todos eles, a certeza e a confiança em Deus foram atitudes fundamentais para a sobrevivência e expansão do Instituto.

III. A Mística da Confiança em Deus: *Nisi Dominus*⁴

Um fato importante no itinerário espiritual de Champagnat e dos primeiros Irmãos foi a forma como eles enfrentaram o tema do sofrimento. Champagnat cai gravemente enfermo no ano de 1825. Somado a isso, sofre com as deserções dos padres Courveille e Terraillon. Na carta que ficou conhecida como “*Carta das Lágrimas*” escrevendo ao Vigário Geral de Lyon, Padre Cholleton, pode-se perceber aquilo que Mesonero chama de a “Noite Escura” de Champagnat (Cf. MESONERO SÁNCHEZ, p. 45-71). Agrava-se a percepção da solidão, bem como da provação passada pela influência nefasta do Padre Courveille, que segundo Marcelino poderia ter levado ao chão o Instituto, se esse não estivesse solidamente amparado pelo braço forte de Maria (Cartas n. 30). Anos depois, escrevendo esses acontecimentos, parece revivê-los de tal forma, que sem pretensão de o fazer, revela um fortíssimo enfrentamento de vários problemas: solidão, deserção, calúnias, grandes dívidas, gravíssimo problema de saúde, sem contar a preocupação para com os Irmãozinhos de Maria, nesta mesma carta, ele revela que tanto Courveille como Terraillon não tinha os sentimentos de pai para com os seus jovens Irmãos, e ao recobrar a sua saúde ele tranquiliza os Irmãozinhos com uma das falas mais comoventes de seus escritos: “*Não tenham os dissabores que as provações apresentam, pois estarei junto com vocês, não os deixarei, partilharei com vocês até o último naco de pão*” (Cartas, n. 30). É na solidão, na ausência de saúde e dos recursos financeiros que Marcelino é provado, experimentado pelo fogo, e segundo o Irmão Mesonero, é a partir da recuperação de sua saúde, ainda que essa nunca mais volte a ser a mesma, que Marcelino experimenta com toda a sua força a expressão *Nisi Dominus*.

A expressão *Nisi Dominus* faz referência ao belíssimo Salmo 126: “*Se o Senhor não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores*”. Para entender a importância desse salmo na vida de Champagnat, há de se voltar à reforma da própria casa de La Valla bem como a construção de Hermitage. Champagnat era um construtor. Essa imagem deve ter sido fortemente interiorizada por ele. A construção de Hermitage e todos os seus problemas trazem à tona a certeza de que a mesma só poderia se manter e continuar a partir do abandono à Providência de Deus. Champagnat ao fazer a experiência do abandono fortalece ainda mais sua confiança em Deus.

Na carta enviada ao Irmão Antoine em meio aos transtornos causados pela Revolução de 1830, Champagnat confiante na proteção de Deus irá afirmar:

Não tenham medo, temos Maria para nos defender. Todos os nossos cabelos estão contados, não cairá nenhum sem que Deus permita. Estejamos bem persuadidos de que não temos inimigo maior do que nós mesmos. Somente nós é que podemos nos causar dano e ninguém mais. Deus disse ao malvado: “Poderás vir até ali; mais longe, não!” (Cartas n. 16)

Há uma referência direta ao texto de Mateus 10, 30: “*Quanto a vós, até mesmo os vossos cabelos foram todos contados*”. Este versículo é continuidade da fala de Jesus diante das perseguições que os discípulos enfrentam por causa do Evangelho. Marcelino ao fazer uso desta expressão acredita fortemente na ação de Deus como escudo e proteção dos Irmãozinhos de Maria. Em 1827 num dos raros momentos em que se percebe uma escatologia narrada pelo enfrentamento das forças do mal, ele escreve:

O proceder infeliz daquele que parecia o chefe é uma espantosa investida do inferno, mas Jesus e Maria serão sempre o amparo seguro de minha confiança. O triste incidente acontecido àquele que parecia ser o chefe, mostra claramente os mais terríveis esforços que o inferno todo inventou para destruir uma obra que previa destinada a causar-lhe grande dano. Jesus e Maria sempre serão o apoio sólido de minha confiança (Cartas n. 06).

A confiança se estende também à Maria. Na carta enviada de Paris ao Irmão Francisco em 1838 escreve Champagnat: “*Ponhamos sempre nossa firme **confiança** em Maria. Ela já nos concedeu favores demais, por isso não nos vai recusar agora o que lhe estamos pedindo*” (Cartas n. 196). Na carta seguinte enviada

⁴ Expressão em latim que literalmente significa “Se o Senhor” deriva do início do Salmo 127. Também se refere à máxima latina que designa a seguinte ideia: “Sem o Senhor, em vão”.

ao Irmão Francisco, Champagnat percebe que não conseguirá a aprovação do Instituto Marista pelo governo francês por aqueles dias, e escreve uma carta que é uma demonstração de fé em Deus, de desprendimento de qualquer glória humana, ao afirmar:

Estou muito aborrecido, mas não desanimado, continuo tendo muita confiança em Jesus e Maria. Conseguiremos nosso intento, não tenho dúvida, só não sei a hora. O que mais nos importa é fazer de nossa parte somente o que Deus quer que façamos, quero dizer: o que nos for possível. Depois disto, deixar agir a Providência. Deus sabe melhor do que nós o que nos convém, o que é bom para nós. Estou muito consciente de que um pouco de espera não nos será prejudicial (Cartas n. 197).

A atitude de Champagnat diante da frustração de não conseguir a aprovação do Instituto revela o ser humano que se apoia em Deus. Não exclui o fato de se sentir chateado, aborrecido, contudo, não desanimado. E ele tem a certeza de que a obra é de Deus, de que a Providência, vai agir, entretanto, o tempo é de Deus. Claro abandono de alguém que está nas mãos do Senhor.

A expressão *Nisi Dominus* aparece na carta de 1827 enviada ao Padre Philibert Gardette, superior do Seminário Maior de Lion: Ninguém melhor do que eu conheço minhas preocupações. Para enumerá-las, não sei nem por onde começar. Além do mais, o receio de o estar incomodando, faz com que nem mesmo lhe diga que só as minhas dívidas me tomariam todo o tempo. Termino pedindo-lhe de não me esquecer em suas orações, porque mais do que nunca verifico a verdade daquele dito do profeta: *Nisi Dominus aedificaverit domum in vanum laboraverunt qui.* (Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalharão seus construtores!) (Cartas n. 3).

Ao relatar sua solidão e a necessidade de um sacerdote para lhe ajudar, escreve ao Vigário Geral de Lyon: *“Esperando por um auxiliar apropriado, que tenha amor pela causa, que só exija a roupa e a comida, recomendo-me às suas orações, pois vejo mais do que nunca a verdade do oráculo divino: Nisi Dominus”* (Cartas n. 7). Em outra carta enviada ao Irmão Francisco chega a se questionar se os recursos que estavam utilizando, de contatos, documentos e entrevistas com as autoridades competentes não estariam atrasando o que os desígnios da Providência iriam conceder ao Instituto. Em todo caso, em dois momentos repete e termina a carta com a expressão *“Nisi Dominus”* (Cartas n. 169). De acordo com o Irmão Mesonero, a relativização da atividade humana na aprovação do Instituto, depois de ter feito tudo o que podia, demonstra abandono em Deus, isso o leva a concluir que ao desconfiar de si mesmo e dos próprios recursos do Instituto, precisava depositar a certeza na primazia de Deus. Depois de ter feito tudo o que é possível e necessário o que se tem a fazer: *“...descansarei em Deus em Deus e em sua Mãe Santíssima”* (Cartas n. 4). Em meio aos acontecimentos do ano tenebroso nasce uma **mística do abandono** expressa pela imagem das mãos do Senhor e dos braços de Maria. Uma mística filial que ficará gravada na espiritualidade mariana do Instituto, expressões fortes deste período se revelam na carta ao Irmão Apollinaire: *“Atire-se nos braços da Mãe de todos nós, ela ficará comovida com a situação de você e de seus coirmãos”* (Cartas n. 126). Ou, ao Irmão Dominique: *“Enquanto espera minha visita, ponha-se nos braços de Maria, Ela o ajudará poderosamente a carregar sua cruz”* (Cartas n. 49).

Em que consiste a mística de Marcelino Champagnat originante de La Valla? Numa profunda relação de confiança na presença e na ação de Deus em sua vida. Em que se transforma esta mística? Numa fonte inesgotável de serenidade frente a toda ansiedade e desespero humano. Marcelino parece afirmar ainda hoje que não existe lugar melhor que o coração de Deus e de Maria: *“Deixo-os todos nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, lugares bons aqueles! Lá a gente se acha tão bem!”* (Cartas n. 49). Essa mística está na origem e sustentação da missão do Instituto Marista.

Considerações finais

O apostolado marista nasce ancorado na rocha firme da confiança em Deus e ao mesmo tempo guiado pela forma de viver o Evangelho do jeito de Maria. Nesse aspecto é que se entende o tema da humildade, como decorrência de um autêntico conhecimento de si, das limitações e ao mesmo tempo, do horizonte maior que é a ação de Deus nas obras que o Instituto e através dele, todos os maristas realizam.

A máxima: *“Nisi Dominus”* é uma bússola para que o apostolado não perca a sua identidade e finalidade, ou seja, seguimento que nasce da experiência profunda de quem se fez apóstolo, de quem a exemplo de Maria se faz seguidor por meio do espírito de fé a seu filho Jesus. A máxima do *Nisi Dominus* é bem expressa pelo Irmão Basílio ao afirmar que Deus se nos dá como dom, mas espera em contrapartida uma resposta. Essa resposta se dá na medida em que o ser humano na plena liberdade abraça a vontade de Deus para si.



REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Trad. VVAA. Paulinas: São Paulo, 1993.

CHAMPAGNAT, Marcelino. **Cartas**. Instituto dos Irmãos Maristas. Trad. Sulpício e Irineu Martin. São Paulo: Simar, 1997.

FURET, Jean Baptiste. **Vida de Marcelino José Bento Champagnat**. Tradução Angelo José Camatta. São Paulo: Loyola, 1999.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Água da Rocha**. Espiritualidade Marista que brota da tradição de Marcelino Champagnat. Brasília: Umbrasil, 2008.

MESONERO SÁNCHEZ, Manuel. **San Marcelino Champagnat: experiencia de Dios y vida mística**. Madrid: Edelvives, 2011.

CANTO: Marcelino, grande amigo!



https://www.youtube.com/watch?v=AGRKH5Q_mWA

1) Em uma pequena aldeia / da França, La Valla
Havia um jovem padre / chamado Champagnat
Os jovens que encontrava / queria catequisar
E por meio de Maria / a Cristo os levar.

Refrão: Marcelino das crianças e dos jovens, grande amigo.
Seu exemplo me cativa, você pode contar comigo.

2) Em uma pequena aldeia / da França, La Valla
Havia um jovem padre / chamado Champagnat
Fundou o Instituto / para bem educar
E aos jovens de todo mundo / o Amor de Deus levar.

3) E hoje há muita gente / no mundo a espalhar
A nova que Jesus Cristo / mandou anunciar
E à Virgem Mãe, Senhora / se querem consagrar
Por isso, para sempre / Maristas vão chamar!

